

Habitar um hiato. Ao nos dedicarmos aos trabalhos de Inês de Araujo percebemos, de certo modo, as vicissitudes envolvidas em tarefas condizentes a duas acepções da criação presentes nos estudos de Maurice Blanchot, ser "um prodígio sem medida" ou um econômico e não "desperdiçar nada de seu gênio". Aqui, nos âmbitos desta produção, por um lado, a desmesura passa a habitar o espaço de ação, um caderno rabiscado. E não estamos diante de experimentações. Por outro lado, a insistência em não se tranquilizar ao buscar um lapso de tempo assume um gesto inquieto de sobreviver a um infinito. Sim, "um infinito", um dos muitos possíveis, pois a tarefa de desenhar, rabiscar continuamente, seguir direções variadas faz dos modos de organizar os pensamentos um impulso de recomençar. Mas, com que sentido, em que direção? A produção da artista emerge do próprio ato único, circunscrito ao espaço e constituído de múltiplos gestos. Há algo do movimento da dança nestas inquietações.

Potencializar derivas e deambulações. Com isso, Inês de Araujo perscruta as armadilhas dos duplos. O duplo da imagem. O duplo da felicidade. Para além do automatismo, depois de abandonar a ilusão figurativa, percebemos nos desenhos da artista traços que não são contornos, pois não se destinam a duplicar uma figura, uma imagem. Antes, seus gestos são derivas do corpo que geram derivações de entrelaços, interseções de linhas, nunca planos, já que os vazios ati-

vados permanecem recebendo o ar, o oco, como as tramas de um simples acúmulo de rotas. Sem ser contorno, não haverá duplos, imagens associativas, e, com isso, será necessário conduzir-nos a outras exigências, diferentes das que dotamos ao regozijo das imagens.

Escalar abismos, ativar e parilhar a dor. Conviver com a falácia da expressão que jamais teve um caminho definido entre a subjetividade e a forma. Menos patos do que deambulação, a arte de Inês de Araujo, de certo modo, sufoca a alegria. Sim, a arte nos tortura, em alguma medida, condena-dos, "condenados" ao sentir, a buscar relações, criar escolhas por determinadas asperezas, oferecer dispositivos de parilha com alteridades imagináveis. A insistência do contato com porosidades, marcas, vestígios nos torna experimentados em abrir caminhos, conviver com as extremidades, os ocultos e cumes, como no pensamento nietzschiano, e, ainda assim, construir pontes entre abismos, já acumulando a experiência de escalá-los.

Istmos, hiatos, derivas, abismos são, agora, possíveis bússolas para sistemas mínimos de orientação, já que, ao escolher a condição do caminhar, serão liberados os tempos de começar e terminar, mas não nos furtaremos em sentir a obscuridade "onde a boa ou a má consciência não trazem nem consolo, nem remorso", nos termos de Blanchot.

Podemos, então, assumir a condição de liberdade frente à razão nos aproximando, por instantes, das agruras dos andarilhos.

1 BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*, p. 17. São Paulo: Martins Fontes, 2005.